



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

?Humanização?, ?sofrimento? e o corpo feminino: embates e conflitos entre a medicina, enfermagem e usuárias no Hospital da Mulher Mariska Ribeiro e no grupo de Luto à Luta- Apoio à Perda Gestacional e Neonatal.

Autoria: Juliana Borges de Souza

Este work é uma proposta de pesquisa para o doutorado, trata-se de uma etnografia em dois espaços de cuidado. Pretendo entender a partir da visão dos médicos, enfermeiras e usuárias do hospital da Mulher Mariska Ribeiro, localizado no bairro de Bangu, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, as concepções sobre "humanização da saúde", "acolhimento", "violência", produção de "assistência" e "sofrimento" formulados não só pela equipe médica, como também pelas integrantes do grupo "Do Luto à Luta: Apoio à Perda Gestacional e Neonatal" localizada no Flamengo, zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Sobre este último, trata-se de um grupo de relacionamento virtual e presencial chamada "Do Luto à Luta: Apoio à Perda Gestacional e Neonatal". O grupo, denominado como movimento social (MELO; VAZ, 2018), apresenta-se no site como: uma comunidade de apoio à perda gestacional e neonatal! Pedimos tratamento mais humano e empático nas maternidades do Brasil para os casos de perda gestacional e neonatal, em respeito ao sofrimento de gestantes e familiares (LUPI, 2018). . Esse grupo é criado em 2014 pela psicóloga Larissa Rocha Lupi que passou pela experiência da perda de seu filho. O grupo de "Luto à Luta" tem o intuito de pensar uma acolhida diante da perda do filho e uma dimensão política, que reivindica uma assistência mais "humanizada" nas maternidades, do direito do enlutamento do filho, do registro do nome etc, como aponta as coordenadoras do seu site. . De maneira geral, a pesquisa terá como objetivo central investigar o modo pelo qual as dimensões do ativismo, da produção de identidades coletivas e a produção dos saberes médicos e não-médicos, se articulam à ajuda mútua, à produção de práticas sociais e de moralidades a partir do desafio de vivenciar a perda do filho esperado. Desta forma, pretendo dissertar a partir das seguintes questões: Como se atribui os sentidos formulados pelas mulheres e profissionais sobre os sentidos de "dor", "parto", "sofrimento", "luto", "direitos" e "violência" nestes dois espaços? Como as mulheres e os profissionais narram sobre suas histórias de "luto" e "assistência" prestadas àquelas que perdem seus filhos



no momento que dar à luz e também é o momento de luto? Como se dá a concepção dos profissionais de saúde acerca dos corpos femininos e sua reprodução? Como é produzida o “cuidado” nestes dois espaços? Existe outras formas de terapêuticas não médicas atuando neste espaço (como religiosidade ou medicina de base popular)? Quais são as demandas do grupo e como isso pode refletir em uma política pública? Será que existe significados atribuídos a “assistência humanizada” por mulheres proveniente de camadas sociais diferentes?



Realização:



Apoio:



Organização:

